

Por uma liberdade insurrecional

(Entrevista de Edson Passetti por Deivy Frajman para livro Editora Senac, a partir de Colóquio Foucault, 2012)

Deivy Frajman – *Edson, no seu texto você fala muito sobre a questão da vida como obra de arte, eu perguntaria, seria aquela ideia de certo modo difundida... entre uma estranha, digamos assim, proximidade entre a genialidade e a loucura, por outras palavras, ao pegar exemplos como Artaud, Nietzsche, Van Gogh... eu vou te fazer uma pergunta provocativa... - você acha que aqueles... - tirando essas grandes exceções na história da loucura, ou seja, aqueles que não foram Artaud, ou não são Artaud, não foram Nietzsche ou não foram...*

Edson Passetti – *jamais serão...*

D – *e jamais serão, ou seja, os loucos anônimos, sem falar no Arthur Bispo do Rosário, aqui no Brasil...*

E – *sei, sei...*

D – *aqueles, digamos catatônicos que não têm absolutamente nada a dizer, que não podem dizer, que falam com um papagaio, como diria Lacan, para você, como você colocaria esses loucos fora daquilo que você chama de ‘a vida como obra de arte’, é possível encaixar nesse teu conceito de obra de arte estes loucos que não têm nada ou não podem dizer algo?*

E - *Deveríamos distinguir vida de artista de vida como obra de arte. Não só tratando a arte como objeto, e o Foucault foi muito claro com relação a isso, até muito delicado, eu diria, porque é um assunto difícil, e difícil para ser tocado. Então, eu primeiro estabeleceria essa distinção no sentido de dizer não se trata de uma genialidade quando citamos Van Gogh, ou Artaud, ou mesmo Nietzsche, apanhados num determinado momento de suas vidas também. Não se trata dessa genialidade, uma noção que está dissolvida na vida como obra de arte. A vida como obra de arte diz respeito àquilo que*

nós podemos fazer conosco, aquilo que nós podemos fazer enquanto transformação de nós mesmos, que é uma prática constante - que devemos ter conosco e isso não é uma atitude narcisista, ou uma atitude voltada para si próprio como um polimento. Ela está sempre relacionada ao outro, relacionada a com quem eu estou, é com quem eu estou ou que está com outro que nos associamos e que podemos produzir uma prática de liberdade que seja insurrecional, é essa parte que me interessa. Acho que é disso que Foucault coloca de uma maneira contundente pelo menos em minha leitura. Com relação ao que se chama de *loucos*, obviamente que se nós falarmos do louco na Idade Clássica ele não produz obra nenhuma. Mas olhemos para agora - principalmente aqui no Rio de Janeiro, impossível não olhar para Nise da Silveira, que foi fundamental ao criar um acesso para essas pessoas fechadas em si mesmas, impossíveis de serem tocadas, para elas expressarem alguma coisa que dizia ao sentido da vida delas que não estava sendo comunicado, não estava sendo dito, não estava sendo convivido. Então, a Nise da Silveira criou um jeito para isso, que foi o da produção de uma obra, das artes plásticas, por meio das quais cada um poderia, de uma maneira sutil... experimentar uma técnica que ela veio chamar depois de *emoção de lidar* - que eu acho formidável... uma beleza... que trata da textura dos objetos. Trata da sensibilidade que nós temos em contato com o tecido, com os materiais. E com isso ela criou a possibilidade de várias dessas pessoas que estavam num estado, para lembrar a sua palavra agora há pouco, de *catatonia*, de começarem a se expressar, e se expressaram de uma maneira tão surpreendente que grande parte do ecletismo da crítica resolveu considera-los como obra de arte e vê-los inclusive como artistas, até com uma certa genialidade. A Dra. Nise da Silveira foi muito precisa como sempre ao dizer: *ora, se a crítica quer ver um valor estético na obra produzida por essas pessoas, está bom... mas não é disso que se trata*. O que ela fazia e que me toca muito e o meu contato com ela também foi muito intenso - ela dizia: *o que me toca é a possibilidade de estabelecer uma outra linguagem*. E nós vivemos num mundo de padronização das linguagens, não é verdade? Então, eu diria para você - um louco pode ser um artista? Pode. Depende dessa avaliação exterior que é feita. Mas o louco faz da vida dele uma obra de arte? Eu diria que não. Eu diria que há uma recusa ao voltar-se para si mesmo que impede a relação com o outro, conviver com o outro como obra de arte. Nós temos uma dificuldade terrível de falarmos do outro como obra de arte. Primeiro porque tratamos sempre o outro como se fosse o reverso do mesmo...

D – *você me lembrou o Sartre ao dizer o outro...*

E – Quando nós falamos do *outro* nós temos sempre uma péssima referência, que é considerá-lo como estrangeiro, avesso àquilo que eu não quero, que eu nem toco, eu isolo ou tento destruir, que é o que se fez com as instituições asilares. Não estou falando desse *outro* nesse sentido, não estou falando do *outro* como aquele que possa se constituir como uma imagem semelhante a minha - *o mesmo*, que é o que a instituição asilar, com a cura, pretende com todos loucos, pois situo esta relação com *o outro* no campo de diferenças, de constituição de obra de arte que não diz respeito à *body art*, não é disso que eu estou falando da vida como obra de arte, eu estou falando de um cuidado de si, de um jeito de olhar para o mundo e viver esse mundo, de ter uma atitude que seja capaz de atçar as rebeldias, de provocar insurreições, *de dar um basta!*

D – *nisso que está aí.*

E – Um dos problemas para lidar com a loucura é que às vezes *esse basta* está circunscrito a uma só pessoa, restringe essa pessoa...

D – *você diria que há uma recusa...*

E – Penso que você deve ser livre para viver essa recusa, acho extremamente autoritário, arbitrário você querer internar, como hoje em dia, por exemplo, com essa história de: *vai acabar o manicômio!* - não acaba, não é verdade? E então: *vamos funcionar por centros de atenção psicossocial* - mas eles estão combinados com a essência terapêutica, com pequenas modulações do próprio manicômio, ou seja, continua insuportável. Eu gosto do Artaud por causa disso, a loucura enuncia para a sociedade verdades insuportáveis.

D – *ela mesma não consegue, ela tem que recalcar...*

E – porque se você deixar essa enunciação livre...

D – *você derruba todo mundo...*

E – provoca pelo menos aquela ação com *o outro*, uma maneira intensa, que atrai, imanta, alguma coisa imanta. Pensar que estamos livres da loucura é uma besteira. Achamos que não teremos a loucura é uma besteira e meia. Mas há toda uma criação científica, como dizia Maurice Blanchot, para dizer *loucura é isso...*

D – *a captura tem um saber médico...*

E – ah, sim, sim...

D – *no seu texto, você fala que nem toda liberação produz liberdade...*

E – é verdade...

D – *eu queria que você me explicasse melhor isso...*

E – eu gosto muito de falar de liberação, porque liberação é sempre uma constante que pelo menos na nossa cultura provoca aquela coisa assim, *uauuu!* - vai acontecer uma coisa nova, uma coisa ativa, algo que seja capaz de criar uma desestabilidade. Todavia essa palavra *liberação* também foi sendo desgastada, porque tudo é desgastado atualmente numa velocidade impressionante. Penso que o John Cage, o Gilles Deleuze, os dois tinham as razões deles, *vamos arruinar a linguagem, arruinar a comunicação porque está cansada*. O que eu tentei chamar atenção foi para o fato de que nem toda liberação produz práticas de liberdade. Eu me ative a dois momentos nesse texto, em especial, que dizem respeito à situação do Pínel - que liberta os loucos das suas correntes, mas que deixa todo mundo [preso]– *está liberado...* Você não está mais acorrentado, mas permanece agora...

D – *alienado...*

E – sob uma coisa sutil, alienado na mão do médico... - primeiro problema. O próprio Foucault, em *Vigiar e punir*, também mostra que a liberação do castigo por meio do humanismo não alterou a existência da prisão, aliás, [a] colocou de uma maneira muito mais firme. Talvez se a gente andasse um pouquinho mais... estou andando com Foucault, é esse o nosso percurso aqui. Na própria *História da loucura*, em *As Palavras*

*e as coisas, quando ele vai lidar com essa liberação da nossa existência na constituição disso que se chama *homem*, a invenção do homem...*

D – *a invenção do homem...*

E – isso também não quer dizer que nós tenhamos chegado por isso a uma prática de liberdade, basta pensarmos nesses deslocamentos da emancipação política para a emancipação humana, uma repercussão que houve disso no século XIX e no século XX em torno do socialismo. O momento que nós vivemos hoje é... a ditadura do proletariado chinês com a racionalidade neoliberal funcionando a mil , portanto, *cuidado com essas práticas de liberdade!* O que eu quis chamar um pouco [a] atenção era para isso. O fato de liberar não necessariamente o leva a uma prática de liberdade no sentido de arruinar a progressão da série autoridades em nossas relações. Como a liberação sexual? Hoje virou normalização geral. Está tudo normalizado. *Tem a mulher sanduíche, mulher alface, mulher maçã, escolhambaram geral com isso...*

D – *mulher samambaia... até vegetal...*

E – então o que eu pretendo chamar atenção é para isso - a liberação em si não é uma potência de liberdade... a liberação pode provocar inclusive a própria restauração desse âmbito macro da liberdade liberal que é a liberdade negativa do que é proibido e seguro.

D – *you diria então que aquilo que você está chamando de 'liberação', para acompanhar Foucault, seria, digamos, um aperfeiçoamento dessa analítica do poder que o Foucault vai fazer, ou seja, o poder vai cada vez acompanhado da necessidade da liberação para que ele possa nos seus dispositivos e estratégias conter essa liberação e recolocá-la num outro contexto...*

E – sim...

D – *por exemplo, no início de todas as revoluções... debaixo dos paralelepípedos encontraremos a festa, é... o Foucault acho que não vai concordar com isso, embora eu discorde dele, nesse sentido, talvez debaixo dos paralelepípedos a gente possa sim encontrar a festa, a questão é como manter essa festa?*

E –Foucault é um filósofo, um historiador, um pensador, ele mesmo fazia de tudo para não ser capturado quanto ao seu estado civil, o que eu acho admirável. Por quê? E é por aí que eu vou te responder. O mais importante para o Foucault não são as relações de poder, em si, tais quais nós estávamos acostumados a acompanhar, mas são as resistências que são provocadas pelas relações de poder, então é nesse campo das resistências que me interessa a liberação, não como uma coisa em progresso, mas como resposta imediata capaz de derrubar uma certa institucionalidade. Porque *ausência, situação sem relação de poder* – é impossível. As relações de poder são definidas para ele como situações estratégicas, pensando numa linguagem, como ele mesmo disse, *proto-militar*, que substitui no [curso] *Poder psiquiátrico* a linguagem que ele chama de *pseudo psicológica* da *História da loucura na Idade Clássica*. Então há uma disposição para você acompanhar com Foucault, as resistências, como é que elas acontecem? Como são as liberações produzidas aí, capazes de conter relações de poder, sejam capazes de conter, obviamente, centralidades de poder. E que sejam capazes também de revolverem as problematizações que vivemos hoje, uma centralidade arbórea do poder, para lembrar Deleuze, combinada com a descentralização rizomática, que é própria dessa organização computo-informacional. Foucault está sempre te instigando a combater alguma coisa. Para Foucault não há uma teoria do poder - hoje eu penso muito sobre o poder, as relações de poder no mundo que nós estamos vivendo para que não apliquemos, por exemplo, a noção de relação estratégica, própria da sociedade disciplinar, em continuidade com a sociedade de controle; precisamos perguntar, hoje em dia, se a política é ainda a guerra prolongada por outros meios. Veja, se eu pergunto: *será que a política é a guerra prolongada por outros meios*, eu estou perguntando também: *será que o poder ainda é uma situação estratégica?* Também perguntando: *a guerra permanece tal e qual nós conhecíamos na Europa, na nossa história europeia que veio até a segunda metade do século XX?* Essas são as perguntas que uma perspectiva analítica como a do Foucault nos coloca, nos convida a andar com ele. Não nos coloca numa situação engessada de constituí-lo como teórico desandara aplicá-lo. Por isso mesmo é que no final da vida ele trata da vida como obra de arte. Penso que ele está pensando como é esse mundo que vivemos hoje – quem sou eu, quem é você agora, como é que resistimos sobre essas contingências, que muitas vezes involuntariamente acabamos pegos ou atraídos.

D – *por isso você acha que ele teria retornado aos gregos no final da obra dele?*

E – eu não sei se é por isso, sabe Deivy, não sei mesmo se é por isso... o Foucault é um sujeito muito sacado...

D – *é o cuidado de si...*

E – Ele viu que já tinha esgotado todo o campo genealógico, e aí é que ele começou a perceber que estava, segundo ele próprio... realizando a pesquisa sobre a história da construção do sujeito na nossa cultura, e é aí que ele volta para os gregos, mas nesse regresso ele começa a conversar conosco de uma outra maneira. Onde começa a política? No curso *Hermenêutica do sujeito* ela começa em mim... uma questão ética e estética. Então eu posso provocar a continuidade do dispositivo, eu posso provocar a mudança no dispositivo mas também e eu posso provocar o ingovernável. E o ingovernável não significa aqui o pensamento revolucionário tal qual nós conhecemos herdeiro da revolução francesa...

D – *político partidário...*

E – mas uma outra perspectiva. Estamos vivendo o mundo agora, 2011, que nos chama... - para quem anda com Foucault, e eu gosto dessa expressão andar, é uma coisa meio de moleque. Quando eu era moleque se dizia *com quem você anda?*, *você anda com aqueles bandidos?*

D – *eu te direi quem és...*

E – não, isso não é coisa que me pegou muito... o meu era aquela coisa assim *com quem você está andando hem, menino?* Começam a perceber algumas atitudes estranhas suas...

D – *o olhar...*

E – alguns interesses não tão esperados. *Com quem que você anda?* - Então, eu sempre digo assim: *no pensamento eu gosto de andar com Foucault*. Por quê? Porque eu não

preciso ser isso, aliás, o próprio Foucault colocava de uma maneira muito delicada também, na abertura de *Em Defesa da sociedade*, na aula inaugural, *eu coloco umas coisas no mundo, se você quiser continuar trabalhando com isso, levar para algum lugar, ótimo, ótimo*. Eu acho que era isso que ele esperava. Ao também ter se apropriado do Nietzsche, ao fazer Nietzsche ranger... então deve-se fazer Foucault ranger, acho que o sentido dessa filosofia a marteladas é esse, vamos fazer ranger, eu não estou interessado agora em passar a mãozinha em alguém, arrumar não sei o que, arrumar ou deixar tudo em ordem, não dá, a natureza não é assim, todos somos diferentes...

D – *a natureza é caótica...*

E – todos somos diferentes. A natureza também é assim, e nós somos a natureza.

D – *às vezes nós nos esquecemos disso...*

E – isso é da Billie Holiday, o que eu acabei de dizer... sacada ela, não é?

D – *então eu vou te fazer mais uma pergunta provocativa...*

E – certo, aliás, são deliciosas as tuas perguntas, pelo menos para mim, eu achei que ia passar mais dificuldades...

D – *não, até porque seria interessante esse diálogo, porque é uma coisa que eu me pergunto também o tempo todo...*

E – sei...

D – *já que você falou, e voltando anteriormente, que nem toda liberação produz a liberdade, com o que eu concordo plenamente com você, visto o devir que se teve nas revoluções que a gente viu ou pelo menos acompanhou historicamente...*

E – nós mesmos, um tanto pequena mas contundente de nossa geração no caso, a minha geração...

D – *a nossa geração...*

E – fala muito em nós mesmos, está aqui ó...

D – *é, no sangue...*

E – na pele...

D – *na pele... O mais profundo é a pele, diz o Paul Valéry...*

D – *O mais profundo é a pele. Você está buscando uma coisa que está lá embaixo e está aqui na superfície. Mas, enfim, eu sei que isso é difícil, mas eu vou ousar perguntar porque eu quero te ouvir, o que você chamaria, neste caso, de liberdade?*

E – Há uma coisa que eu também gosto nesse pensamento analítico que é situar como a gente dá forma às práticas de liberdade. Não dá para dizer liberdade é... - isso seria um absoluto. Liberdade é alguma coisa que nós estabelecemos, eu contigo, com eles, com a moçada que está aqui, nós podemos estabelecer um jeito como agora, gravando uma conversa, chamemos isso de *conversa*, de uma maneira livre, a única coisa que - para ter sempre um mínimo de autoridade - me disseram foi: *você terá que fazer maquiagem*, fui lá sentei com a mocinha, ela colou essa coisa toda na minha cara, para não comprometer a qualidade visual, não é?... (risos). Mas as práticas de liberdade, elas são produtos dessas relações que nós estabelecemos, alguns acordos que fazemos, e sem estabelece um contrato social definitivo para nada, somente um contrato bilateral em torno de um objeto; eu não tenho contrato com mais nada, tenho contrato só com isso. Então isso para mim esta é uma prática de liberdade, e Foucault também tinha um apreço muito caro pelos anarquistas. Talvez tenham sido eles os primeiros a pensarem e viverem essa prática de si no século XIX, não foi só Nietzsche que a pensou ou Baudelaire, Schopenhauer; os anarquistas pensaram, viveram, experimentaram; não existiria liberação sexual se não existissem os anarquistas praticando amor livre no século XIX, no começo do século XX, inclusive no Brasil. Essas práticas que hoje são até corriqueiras - *amor livre*, quer dizer, já normalizado hoje em dia. Mas quando eclodiu... as pessoas parecem que esqueceram do passado - porque o passado das práticas de liberdade na nossa cultura são sempre colocadas para baixo, precisamos de homens

como você, mulheres meio doidas que vão lá e tiram debaixo, trazem de novo para cima, *olha, isso tudo foi possível porque essas pessoas estavam arriscando*. Hoje se fala muito de uma alimentação saudável ou equilibrada etc. Porra, os anarquistas recomendavam e a praticavam há muito tempo, faziam refeição extremamente balanceada, toda ela voltada para legumes, frutas, cuidados com os animais, com a crítica à domesticação, porque não é só a domesticação humana que está em jogo, mas a domesticação animal também. A experiência das escolas anarquistas... *La Ruche*, na França, por exemplo, e as escolas anarquistas no Brasil, ensinavam o que? *Uma regrinha toda modulada para os currículos*? Não. Precisava ler e escrever porque todo trabalhador precisava saber ler e escrever para ver o quanto estava sendo colocado para cima dele por meio disso que chama *lei, ou de liberdade liberal*; Segundo, interessava a vida das pessoas. Para algum grupo dentro da *escola* pode ser que química fosse interessante ou a matemática, para outros poderia ser literatura, não é? A escola liberada da escolarização é uma prática de liberdade. Hoje em dia as pessoas querem confinar as crianças das sete da manhã às sete da noite na escola. Isso é prisão. *Isso é cana, gente*. Isso é aviltante.

D – *liberar a mão de obra...*

E – hoje em dia todos precisam estar ocupados. Ocupar criança, ocupar velho. Então há programas como *a terceira idade é a melhor idade*. Conta para outro que isso é piada de mau gosto: programinha para dançar, programinha para fazer não sei o quê, programinha, entendeu? Ocupa o desgraçado o dia inteiro com trabalho e lazer. Não deve sobrar tempo para pensar, para experimentar liberdade nenhuma. A nossa sociedade está organizada dessa maneira - é toda uma programática e a programática é toda modular. São só modulações. Ultrapassamos os modelos, agora é só modulação. Você não escapa nunca - uma sociedade constituída para programação está fundada no inacabado. A prática de liberdade não. A prática de liberdade abre. É o inacabado pelo outro lado. É o outro lado do ingovernável - que não gera programa e dispositivo, mas que te leva a experimentar outras coisas na vida. Então eu gosto, tenho uma relação muito forte com os libertários, com os anarquistas por isso. Porque se há ainda no cenário – você nota! - um certo resquício desse efeito das Luzes - *deixa isso de lado, isso não importa*, vamos olhar agora o que é mais importante que é a constituição desse indivíduo livre, com seus cuidados Isso estava colocado pelos anarquistas desde o

século XIX. A única coisa que eu poderia dizer do efeito do Iluminismo que é pertinente no anarquismo é que os anarquistas disseram com toda a clareza, que o socialismo era uma ditadura que não teria longa vida. Sabiam disso muitíssimo bem. Sabiam valorizar a democracia, porque pela democracia era possível constituir a anarquia. A anarquia não é bagunça. Anarquia é uma coisa sacada. Experimente, Foucault não recomendava os cuidados de si, mas a experimentação. Experimente...

D – *um pouco de bagunça talvez seja necessário também...*

E – experimente, a anarquia é uma coisa muito interessante, mas se as pessoas têm certa... recusa...

D – *a palavra ganhou um tom pejorativo...*

E – pejorativo, uma recusa. Mas há o outro lado que diz,, *ah, é uma utopia maravilhosa* — coisa de cabotino, de canalha, bem rodrigueano... *ah, é uma utopia tão bonita, que bom, eu também serei no futuro um anarquista...* é o ‘caceta’, eu quero ver você ser aqui. Eu acho que a filosofia nietzscheana, e que o Foucault faz pelo o que são importantes, empolgantes para nós que vivemos, *fazemos agora*. Se eu não falar agora nessa situação e do que decorre da sua pergunta... não vou ficar esperando o melhor momento, a fala adequada, qual a melhor estrutura... não. Calhou de no meio dessa conversa ter a possibilidade de comentar a prática de liberdade dos anarquistas que eu acho bastante importante para ser conhecida e quem tiver interesse que experimente, não é nada para todo mundo mesmo, nem o paraíso... *o outro não mandou todo mundo embora?! Não ficou lá...? Não é verdade? Acabou com a mamata logo de cara. Coisa mais maldosa, não é verdade?...*

D – *conseguiram até, aliás, estão conseguindo não ver paraíso onde ele é...*

E – é, o paraíso o cara fez e mandou todo mundo embora, *não vai voltar meu bem*, não tem volta para isso, esqueça essa metáfora, isso é uma besteira, não é verdade?

D – *o paraíso é sempre além, além, além...*

E – não vai chegar. Essa coisa não existe. Não existe. Se nós conseguirmos conter a expansão das relações com base na autoridade, na hierarquia, na centralização e instituímos relações horizontalizadas, livres dessa hierarquia exterior, porque cada um de nós também tem a sua hierarquia e as práticas de cada um precisam ser organizadas, para podermos conviver... Se essas práticas de liberdade romperem as continuidades vai ficar bem mais bacana, eu acho.

D – *ai é possível a festa debaixo dos paralelepípedos...*

E – é, talvez, até embaixo do asfalto, debaixo da cama... em cima da cama... interrupção... Porque nessas conversas *pinta* uma análise, na conversa...

D – *na conversa que vai surgindo...*

E – na conversa, porque tem o ambiente gostoso aqui. Bom, aqui fora é lindo, se ficar olhando para fora é lindo, a conversa é tranquila, todo mundo muito sossegado para gravar, então isso propicia a reflexão de uma outra maneira, porque as pessoas têm uma falsa ideia ainda que você só pode pensar solitariamente, eu acho que isso é uma coisa que não dá mais...

D – *é um pré-conceito...*

E – é, é quase como se nós voltássemos àquela... como se fosse um paradoxo, àquela noção que você trouxe inicialmente do *louco solitário*, sozinho em si mesmo. Não acredito muito nisso, faz tempo que eu não faço do meu tempo ou da minha vida, do que eu penso ou do que eu pratico, do que escrevo uma coisa solitária...

D – *mas você não é louco...*

E – não, nem escritor, essa coisa, você sabe, *eu preciso estar sozinho comigo mesmo para escrever*, essa coisa meio maluca, coisa da fantasia, a respeito da escrita, sei lá, acho que tem pessoas que precisam disso mesmo, mas não é regra; é uma forma de autoria há outras, talvez uns caras, como Deleuze que enchia a cara, lembra? - bebia vinho pra caramba para escrever, elaborar conceitos... Isso me interessa.

D – Bukowski...

E – Bukowski bebia para comer os caras... O Deleuze no seu *abcedário* fala isso: *eu bebia para produzir conceito, quando eu comecei a perceber que a bebida começou a atrapalhar a produção de conceito, eu parei*. Eu acho demais um filósofo dizer isso, porque todo mundo precisa estar *limpinho e tal?*; eu não consigo escrever com cachaça, com nenhuma coisa desse tipo ou derivados, não consigo, não consigo, eu preciso estar sossegado, sabe, tomar café, água, essas coisas, e conversar com as pessoas como a gente está conversando aqui. Agora, eu acho maravilhoso um filósofo dizer eu produzo conceito bebendo vinho, eu acho tudo, eu acho ótimo.

D – *seria até interessante a gente fazer um paralelo entre a história da filosofia na Grécia e o vinho, não é?*

E – também.

D – *talvez o vinho tenha sido fundamental para a produção de uma certa filosofia...*

E – eu não sei, eu acho que o Platão gostava de fazer tanto banquete, mas na hora de escrever ele era meio *caretão*. Ele não é nada dionisíaco...

D – *Platão e Sócrates... Não foi uma dupla divertida...*

E – é, não foi uma dupla muito divertida. Foi séria, mas não divertida...

D – *sim, séria, mas não divertida, é verdade...*

E – bebiam nas horas vagas, *na parte do lazer... na liberação...*

D – *onde permite...*

E – onde permite, onde permite...

Eryk Rocha – o que seria de Dionísio se não fosse o vinho, não é?

D – *é o que eu penso...*

Eryk Rocha – é o princípio... a essência dele...

D – *claro, claro...*

E – mas Dionísio o tempo inteiro é loucura, não dá, ser Dionísio o tempo inteiro não dá, é impossível...

Eryk Rocha – é porque se é o tempo inteiro não tem espaço para ele aparecer, o que é o tempo todo...

E – claro...

Eryk Rocha – deixa de ser, de estar, de ser aquilo... só é aquilo se houver a relação, o excesso...

E – e da forma, e da forma também porque é apolíneo, é o lado apolíneo, como é que você dá forma para Dionísio? O Nietzsche constatou sem rancor, não é?... muito sacado - ser Dionísio o tempo inteiro não dá...

Renato Vallone – Dionísio é potência, agora tem que ter a outra parte...

E – potência... Você tem que dar forma para ele...

D – *embora que no final ele se assuma como Dionísio...*

E – Eu estava comentando agora há pouco com o Deivy - você precisa dar forma à liberdade, não é? É o momento apolíneo da coisa, dar forma... porque essa forma só foi possível porque veio o Dionísio [não como deus mas como constitutivo de nossa hierarquia própria], é ele que vem, é ele que rompe com isso, quer dizer *nós não estamos falando de dois carinhas*, estamos falando de forças.

D – *exato...*

E – Diga...

D – *bom, continua...*

E – você quer que eu continue da onde?... eu estou adorando essa conversa...

D – *não tem de onde...*

E – a gente estava falando da escritura solitária, lembra? Eu [não] duvido que essa prescrição deve ser questionada. Mas, é engraçado. Hoje com computação, com as internets da vida. A Universidade entrou numa situação labiríntica. Porque começaram a aparecer plágios de teses, porque tudo é rápido, você tem que fazer mestrado em dois anos, doutorado em quatro anos...

D – *não precisa mais ir à Sorbonne para...*

E – ah... os caras roubam...

D – *roubam literalmente...*

E – roubam literalmente, você é sequestrado o tempo inteiro, você comenta algo numa aula — eu lembro que quando eu assistia aulas as pessoas, os estudantes tinham um certo pudor, cuidado, *o cara, o professor está desenvolvendo isso*—; agora, o aluno sedento por ser original já te sequestra a reflexão; outros colegas, te tiram totalmente de circulação... Hoje mesmo eu comentei certas coisas aqui sobretudo a mudança da política como guerra prolongada por outros meios, como situar as problematizações, as atuais relações de poder, a ultrapassagem da guerra tal qual nós a conhecíamos no ocidente enfim, coisas que as pessoas não estão se perguntando insistentemente, e eu não estranharei *se* quando esta conversação for ao ar ou ser publicada estas inquietações analíticas virarem um tópico em um escrito de um cara bacana que até considero formidável, mas tudo virou exigência de originalidade e inovação com respostas rápidas e de preferência repletas de citações. Nada do que estou dizendo é original, mas é meu,

é próprio, é meu, e aí eu brigo mesmo, eu sou meio stirneriano. O Stirner tinha essa coisa, a *associação dos egoístas*, porque ele dizia assim: *o altruísta é o egoísta pleno, porque ele quer que o mundo inteiro seja igual a ele...* - o cara é sacadíssimo, não é?, tanto é que escreveu um único livro, que foi censurado imediatamente em 1847...

D – *não por acaso...*

E – não por acaso, e não por acaso era o livro preferido do Marcel Duchamp quando resolveu enfrentar a necessidade de dessacralizar o objeto de arte...

D – *é verdade...*

E – voltamos ao objeto de arte, não é? O livro do Stirner chama-se *O Único e a sua propriedade*, um livro demolidor, de um homem demolidor. Um livro apreciadíssimo pelos dadaístas de um modo geral...

D – *livro dinamite, como diria o Nietzsche...*

E – um livro dinamite e um livro a la Foucault: *fogos de artifício*, belo, surpreendente, cheio de brilho das fagulhas..

D – *um pensamento que explode...*

E – e ao mesmo tempo, uma bomba! Eu gosto do Foucault quando ele fala, *eu escrevo um livro com esse sentido, ser uma bomba! e fogos de artifício*, isso para mim é prática de liberdade, aí que a coisa está, que está aquilo que nós comentávamos anteriormente - a resistência...

D – *a resistência, o sacudir...*

E – o sacudir, é uma bomba e é também fogos de artifício, por isso que eu gosto dos anarquistas: como condenar o ato de jogar uma bomba de repente num café repleto de burgueses? *Público o cacete, aquele era um ambiente privado*, quem disse que a imperatriz e o rei são descendentes de Deus?, aqueles moleques, que eram todos de 16,

17, 18, 19, 20 anos, no final do século XIX eram sacadíssimos, porque não tinham nada a perder, *vamos ver se é filho de Deus mesmo...*

D – *se morrer...*

E – *vamos ver se o café realmente é público* – não é! Essa é uma maneira no limite, muitos deles analfabetos, desses meninos, pensando no [Ravachol], Émile Henry, por exemplo, foi um rapaz que fez Poli [Instituto Politécnico...], um rapaz que frequentou a escola, mas perspicaz, o pai tinha participado da Comuna de Paris, tinha sido banido para a Espanha, foi criado sob outras circunstâncias, e também percebeu num determinado momento que tudo era identificado pelo grande terror do Estado contra os anarquistas, depois da Comuna de Paris em especial, então foi o terror contra terror... não vou dizer *seja terrorista*, mas em determinadas circunstâncias é inevitável. Se a presidente hoje é a presidente, lá atrás ela foi subversiva com toda razão, e duvido que ela diga que tenha se arrependido. Ela está aí mexendo na comissão da verdade e que eu acho importante, não para ficar punindo essa canalha desses militares [e torturadores, não para punir, mas para tornar público quem era quem, pois ao tornar público, apodrecer esta linguagem tirar a placa da rua com o nome deste sem vergonha, desse canalha, o nome de estrada de rodagem, o nome de praça, o nome de avenida, isso é uma prática de liberdade, não para colocar na cana o velhinho de oitenta e cinco nos, para que, isso é ridículo... a prisão não serve para porra nenhuma... não aprendeu isso?

D – *mas é preciso construir uma memória também...*

E – claro, tudo isso precisa ser revelado e admiro a moçada que pratica *escrachos*...

D – *saber o que aconteceu...*

E – e precisa saber no âmbito da prática dos cuidados de si que os netos dessas pessoas que geralmente são avós *doces, delicadinhos*, vejam o que eles praticaram porque consentiram, amam ser mandados com e em nome dos outros. Nunca fale em nome de. Eu gosto muito dum espetáculo do *The Living Theatre* chamado *Em meu Nome não* - que eles faziam na praça pública e detonavam tudo. Não fale em meu]nome Então, voltando ao caso da presidente, ela foi subversiva, ótimo. Não sei se deveria ser

presidente da república, problema dela, não meu, porém, penso seja ativada a comissão da verdade.

D – *sim, sim...*

E – para saber, para ser punido? Besteira, mas para deixar público, para todos, todos, todos, todos...

D – *terem conhecimento...*

E – qual o nome desse cafajeste que tem uma estrada de rodagem em nome dele, um elevado em nome dele...

D – *e que torturou pessoas, né?...*

E – torturou ou comandou, mandou...

D – *mandou...*

E – ordenou, não é? E os servos que obedeceram também...

D – *sim, claro...*

E – Não vou entrar aqui no mérito desse personagem que é sempre o Eichmann em Jerusalém...

D – *é verdade...*

E – o espertinho que diz: *eu apenas estava cumprindo ordens*, ‘aqui jacaré!’, ninguém cumpre ordem se não quiser...

D – *ele chega a dizer, o que é documentado pela Hannah Arendt, que estava em Jerusalém, e eu vi o documentário, “não, eu não tenho nada contra os judeus, eu estava apenas fazendo o meu trabalho”...*

E – cumpriu ordens, é... eu também não entendo... não sei como é para você, mas eu também tenho um certo distanciamento com a Hannah Arendt, porque ela o tempo inteiro está dizendo assim: *mas ele deve ser morto...* É um julgamento *a priori*, em nome da humanidade, ela é uma das precursoras desse tribunal penal internacional, não é?, com as leis da época... não sou a favor disso!

D – *de Haia...*

E – não sou, acho que não é isso, acho que nós não mudamos a maneira de lidar com os outros, de lidar com as nossas diferenças, e de lidar com idiossincrasias, e com as infrações, pelo pensamento calcado no tribunal. [É fácil encontrar o *monstro*, julgá-lo como crime contra a humanidade, mas o que dizer da prática de gestão dos campos de concentração nazistas que conectavam os próprios judeus para definir *quem devia morrer?*, antes da chamada *solução final?* É preciso penar sem tribunal.] Se eu perguntar aqui quem nunca cometeu uma infração, quem é o cara de pau que vai falar *eu não...?*

D – *atire a primeira pedra...*

E – não, não precisa atirar pedra nenhuma, sem atirar pedra, quem nunca cometeu infração, por que você nunca puxou cana?... Por que nunca foi pego. Por que o tribunal e o direito penal são seletivos. Então, da mesma maneira que Eichmann é um verme todos esses torturadores brasileiros e os que consentiram são seus filhos, irmãos e parentes. Não reconheço nenhuma relação de liberdade a partir do tribunal, acho que um tanto de liberdade é expor cruamente o que é que esses sujeitos fizeram em nome da humanidade, da raça e da liberdade. Em nome dessas palavras absolutas, entende?

D – *só para esclarecer, é... a Hannah Arendt no caso, em função desse julgamento de um grande oficial nazista em Jerusalém, que é uma coisa muito simbólica...*

E – é, ele foi sequestrado, não é?, foi sequestrado...

D – *ele foi, exatamente, na Argentina pelo Mossad, é... mas levantar a questão do que depois, mais tarde, ela vai chamar de “a banalidade do mal”, o que ela quis mostrar, na verdade, é que o Eichmann, inclusive nesse documentário que eu vi... uma das pessoas que o Mossad envia depois e que chega em Buenos Aires, que tinha perdido toda a família em Auschwitz, quando ela se depara com o Eichmann, frente a frente, ela fica absolutamente assustada com o tamanho do Eichmann, “este é Eichmann de Auschwitz?... ele não é nada... ele não é nada”... Ela fica completamente surpresa de ver como foi possível que esta pessoa tenha sido um dos chefes de campo de concentração...*

E – *insignificantezinho...*

D – *insignificantezinho...*

E – *mas há toda uma...*

D – *por isso a Hannah Arendt vai levantar a questão da “banalidade do mal”, ele se coloca, e talvez fosse isso mesmo, um funcionário, quase que como um funcionário público a serviço do extermínio...*

E – *é que eu sou mais nietzscheano, bem ou mal não são esses valores absolutos. Mas deixando de lado essa querela sobre a Hannah Arendt, o que me chamou atenção agora na nossa conversa, é que quando nós falamos desses homens [eles] sempre aparecem [para os comuns como] imensos, as esculturas [dos heróis também] são imensas, eu lembro que quando eu estive em Moscou e fui ver o túmulo do Lenin, obviamente...*

D – *todos vão, não é?...*

E – *obviamente... que é uma instalação de obra de arte contemporânea também. Naquele caixão de vidro [ele] parece a *Bela adormecida*, caixão de vidro assim, de cristal, é um *hominho*, um *homenzinho*, de carinha pequenininha, de traços [delicados], não tem nada de *grandão*, mas se você vê as fotos, as esculturas, parece um gigante, não, eram homens muito pequenos, hoje todos ficaram grandes, de repente deram um monte de bombas alimentares nas escolas, e a molecada cresceu, ficou forte, muito*

altos, em pouco tempo, em muito pouco tempo. Eu lembro que quando eu era jovem, com meu um metro e setenta e um até me achava um homem mais ou menos alto, hoje, nossa, nem para levantador do vôlei se serve com um metro e setenta...

D – *no futuro seremos todos anões...*

E – e os anões também nasceram pequenos, como dizia o Werner Herzog com seu filme “Os anões também nasceram pequenos”... não esqueçam disso..

D – *bom, eu gostaria de mais uma pergunta, que eu gostei muito do teu texto...*

E – você pegou o meu texto.

D – *eu gostaria de falar mais sobre o teu texto...*

E – está com buracos, tem até um equívoco...

D – *isso faz parte... – está bom, eu queria só te perguntar - você fala, eu vou colocar entre aspas, são tuas as palavras, que Hegel situa a arte como antecessora à religião.*

E – ah, isso é do Stirner

D – *o que você acha disso?*

E – Isso remete à discussão anterior sobre o Max Stirner. Stirner era do grupo dos jovens hegelianos, e fez uma leitura muito contundente, do Hegel e principalmente do Feuerbach a partir da emancipação humana com base no amor. E a leitura de Stirner chamava atenção para o fato de que não é a arte que antecede a religião, porque todo espírito genial e criador que possa estar no objeto de arte ele está, antes de mais nada, pela própria religião, habitado pelo espírito de um único criador, que distingue o artista do criador. A partir daí ele elabora uma crítica estética importantíssima para o século XIX, para tudo que nós conhecíamos de arte até aquele momento, que situava o gênio da arte. Ele demole a noção do objeto sacralizado, porque vai lidar não com uma sucessão na relação arte e religião, mas como arte e religião imbrincadas. Para eu

compor uma experiência estética radical preciso implodir essa relação, a relação entre a religião e arte. Para isso acontecer é necessário implodir o objeto de arte sagrado. É como ele brevemente anuncia o dadaísmo que eu me referi anteriormente com o Marcel Duchamp, que vai buscar justamente nesse livro, em *O único e a sua propriedade*, as referências... para pensar uma arte como experiência radical de existência [ainda que em Duchamp não esteja concretizada a vida como obra de arte. É o que eu queria dizer... o Stirner escreveu esse único livro, o livro se chama *o único e sua propriedade*, só existe esse livro, mas eu recomendaria a leitura desse breve texto que chama-se 'Arte e religião', que está na coletânea dos escritos dele, esparsos, e que a gente publicou em português na revista autogestionária, chamada *Verve* que já tem dez anos e nós publicamos esse texto também – fiz propaganda?! Tudo bem aí?! Bom, *vê se põe esse pedaço no ar, hein?* Por favor aí seu diretor, *quebra essa, mano...*

Erick Rocha – cinema panóptico...

E – cinema panóptico, isso é provocativo...

D – *o único é uma associação de únicos...*

E – isso, o único só existe se houver uma associação de únicos.

D – *muito nietzschiano...*

E – muito nietzschiano... O Nietzsche não cita o Stirner...

D – *é verdade...*

E – aliás, isso faz parte deste mundo... do quem leu e não citou. O próprio Foucault não cita... eu acabei constatando graças às anotações do Daniel Defert que o Foucault fez um Seminário, quando jovem ainda, acho que em Lille, que cita a leitura do Stirner pelo Foucault e acho que foi o Baumgarten que situou a leitura pelo Nietzsche do Stirner. O livro ficou perdido depois da censura, e só foi recuperado por um poeta, John Henry Mackey no final do século XIX, começo do século XX – que retomou, reeditou e

colocou o livro novamente em circulação e aí chegou no Duchamp. Foi uma atitude de liberação, isso é uma atitude liberadora que gera uma prática de liberdade...

D – *isso seria a liberdade...*

E – uma delas, isso é uma forma...

D – *uma das formas...*

E – uma das formas da liberdade.